



**AÇO AO INVÉS DE CARNE: A INFLUÊNCIA DO TANQUE NA PRIMEIRA
GUERRA MUNDIAL CONFORME DOUGLAS ORGILL***
**STEEL INSTEAD OF FLESH: THE INFLUENCE OF THE TANK IN THE WORLD
WAR ONE ACCORDING DOUGLAS ORGILL**

Cristiano Oliveira Leal**

Resumo: O desenvolvimento tecnológico das armas de fogo na segunda metade do século XIX, criou nas guerras uma tendência ao entrenchamento. Essa tendência atingiu seu ápice durante a Primeira Guerra Mundial, fazendo com que o ataque se tornasse muito mais difícil que a defesa. Mas como não se vence guerras defensivamente, era necessário reestabelecer seu caráter ofensivo. A solução criada pelos Aliados foi o tanque, que apesar de seus fracassos iniciais, tornou-se um importante fator na vitória aliada na guerra.

Palavras-chave: 1. História Militar 2. Primeira Guerra Mundial 3. Tanque

Abstract: The technological development of fire weapons in the second half of the XIX century, created the tendency to entrenchment. This tendency reached peak during the World War One, and became the attack more difficult than the defense. However, as we cannot win wars defensively, it was necessary re-establish its offensive character. The solution created by the Allies was the tank, despite that its initials failures, becomes an important factor to the Allie's victory in the war.

Keywords: 1. Military History 2. World War One 3. Tank

1 INTRODUÇÃO

Quando se fala em Primeira Guerra Mundial a primeira imagem que nos vem em mente é a das trincheiras. Seu emprego nesse conflito foi o ápice de uma tendência que se desenvolvia desde a segunda metade do século XIX, devido ao desenvolvimento tecnológico

* Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Especialização em História Militar da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2019. Orientador: Prof. Luiz Augusto Rocha do Nascimento, Mestre em Ciência Militar

** Acadêmico do curso Especialização em História Militar da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: prof_cristianool@hotmail.com.

das armas de fogo. Com o início da Primeira Guerra Mundial essa tendência criou um impasse tanto a nível tático como estratégico, impedindo a definição do conflito e pondo em xeque o modelo de guerra existente. Mas como isso se originou?

Experiências foram feitas ao longo da guerra para desenvolver meios para romper as defesas inimigas, tanto a nível tecnológico quanto operacional. Porém nenhuma se tornou um fator decisivo, servindo apenas para aumentar a crueldade do conflito. Isso só começou a mudar com a introdução do tanque¹, mas de que forma isso ocorreu?

Entender como esse impasse se formou e colocou em xeque a concepção de guerra que existia; e a importância do desenvolvimento e utilização do tanque durante a Primeira Guerra Mundial para restaurar o caráter ofensivo da guerra e dar a vitória para os Aliados, é o objetivo desse artigo.

A primeira parte do artigo busca analisar a origem da tendência ao entrenchamento e seu emprego durante a Primeira Guerra Mundial. Também, as consequências do seu emprego a nível operacional e teórico. Já a segunda parte analisa a adoção do tanque. Como foi empregado inicialmente, o desenvolvimento de uma doutrina que destacasse seu potencial e sua importância para quebrar o moral alemão.

Destaca-se na segunda parte do artigo o trabalho do britânico Douglas Orgill “Tanques 1918” no qual ele analisa o emprego do tanque no final da guerra. Apesar de ser conhecido como escritor e jornalista, tendo sido redator chefe do jornal londrino Daily Express; ele também é conhecido na Inglaterra como especialista em tanques. Ele comandou um esquadrão de tanques na Itália durante a Segunda Guerra e uma ala do 1º Regimento Mecanizado da “Legião Árabe” após a guerra, e formou-se em História Militar em Oxford.

A obra utilizada ganhou um destaque maior na pesquisa devido aos detalhes apresentados pelo autor. Orgill apresenta dados quantitativos, unidades e relatos escritos de comandantes envolvidos nas operações citadas, especificando detalhes que não foram apresentados nas demais fontes. Por isso, no decorrer da pesquisa, tornou-se a principal fonte sobre o uso dos tanques no final da Primeira Guerra Mundial.

As informações de Orgill foram cruzadas com as demais fontes da bibliografia para comprovar o resultado e relevância das operações de tanques citadas. Mas nenhuma apresentou dados tão específicos. Por exemplo, sobre o uso de tanques pelos alemães durante a ‘Ofensiva da Paz’, algumas fontes até mencionam o uso de tanques. Outras, incluindo

¹ O veículo recebeu esse nome porque seu projeto foi especificado como se fosse um veículo cisterna, de maneira a não chamar a atenção de algum espião mais astuto. Os termos “Tanque” e “Antitanque” substituem os termos oficiais “Carro de Combate” e “Anticarro” utilizados no Exército Brasileiro.

documentários, citam o uso de 20 (vinte) tanques alemães A7V. Mas somente Orgill especifica que eram 16 (dezesesseis) A7V e 4 (quatro) tanques Mark I britânicos capturados.

2 A FORMAÇÃO DO IMPASSE

A partir da segunda metade do século XIX, com a Segunda Revolução Industrial, algumas inovações tecnológicas aumentaram significativamente o poder de fogo dos exércitos. Fuzis de retro carga com projéteis encapsulados aumentaram em cerca de cinco vezes a taxa de tiro por soldado. O estriamento de canhões e armas individuais aumentou o alcance e a precisão dos elementos da infantaria e artilharia. Iniciando a uma grande mudança na forma de se fazer a guerra.

Historicamente, no que se refere às armas de fogo, os militares continuamente buscaram por maior alcance e cadência de fogo, e com esse objetivo foram inventados os primeiros modelos do que veio a ser chamado de metralhadora. Com destaque para as armas rotativas Gatling, com um mecanismo de tiro movido a manivela, usadas durante a Guerra Civil Americana.

Mas a primeira metralhadora realmente automática, que utiliza os gases da deflagração da munição para municiar e rearmar o mecanismo de disparo, surgiu em 1884 pelas mãos de Hiram Maxim e sendo adotada pelos britânicos em 1889 (Figura 1). Essas primeiras metralhadoras eram armas grandes e pesadas, sendo necessário de três a seis homens para manejá-las, e atingiam uma cadência de disparo de 600 tiros por minuto.

Figura 1 – As primeiras metralhadoras Maxim a serviço dos britânicos



Fonte: Royal Armouries, Leeds. Acervo pessoal.

O significativo aumento do poder de fogo dos exércitos levou a uma tendência que já havia sido observada durante a Guerra Civil Americana, o entrincheiramento (Figura 2). Como foi observado pelo coronel da União Theodore Lyman: “Coloque um homem num buraco e uma boa bateria numa colina atrás dele, e ele repelirá três vezes o seu número mesmo que não seja um soldado muito bom”(in MESSENGER, 1978, p. 9).

Figura 2- Soldados confederados mortos em uma trincheira, em Fredericksburg, maio de 1863.



Fonte: Messenger, 1978

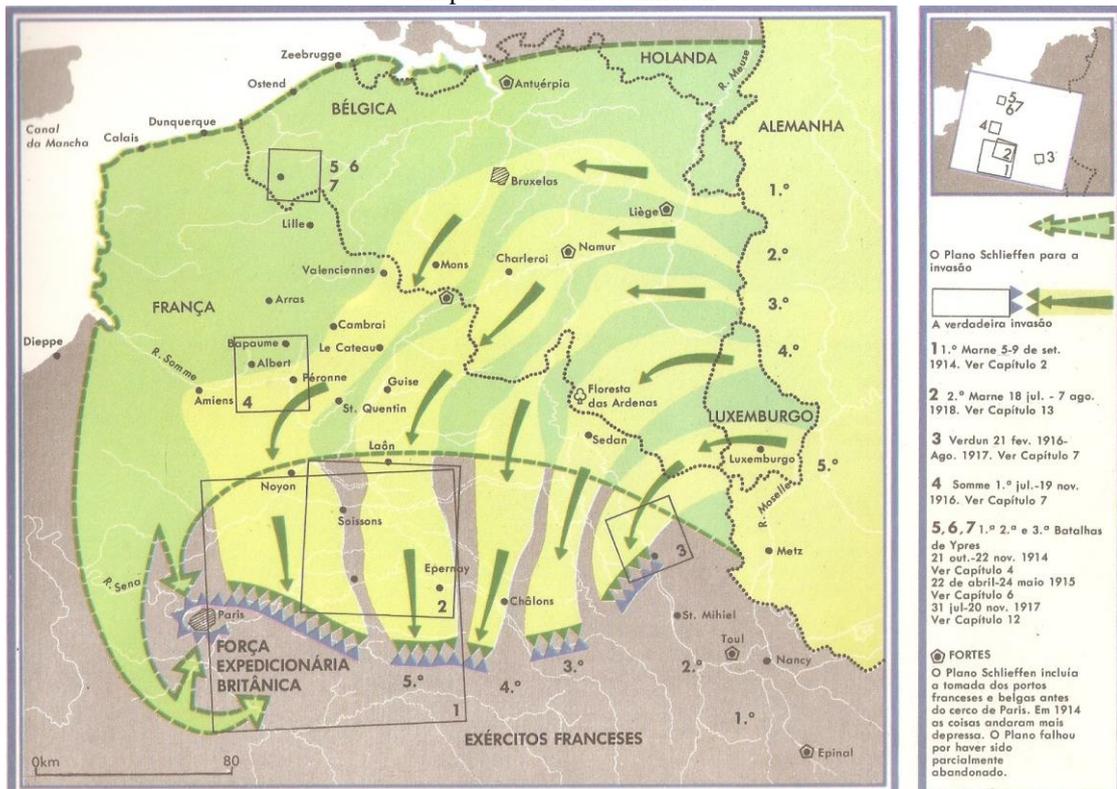
O mesmo foi observado durante a Guerra Franco Prussiana, com o General Helmuth von Moltke afirmando que “sem dúvida alguma, o homem que atira deitado sem se mover tem a vantagem sobre quem atira enquanto avança: o primeiro tem a proteção do solo, ao passo que o outro encontra obstáculos”. Por isso, os tradicionais ataques frontais haviam perdido completamente o sentido, “... portanto tem de voltar-se para os flancos da posição do inimigo”, apontou von Moltke (in MESSENGER, 1978, p. 10).

Em 1914 teve início a Primeira Guerra Mundial e essa mesma tendência ao entrincheiramento não só se repetiu como se tornou a principal característica desse sangrento conflito. Isso aconteceu devido ao gigantesco tamanho e poder de fogo dos exércitos envolvidos e por causa da situação estratégica da Alemanha, que precisava enfrentar ingleses e franceses a oeste e russos no leste.

Para enfrentar essa situação, os alemães elaboraram o Plano Schlieffen (Mapa 1). O plano previa um grande e rápido movimento através da Bélgica, evitando as defesas da

fronteira com a França, para envolverem e conquistarem Paris. Para isso teriam sete semanas, prazo estimado para o término da mobilização da Rússia. Com isso esperavam derrotar a França e retirar a Inglaterra do continente ou da guerra, para depois concentrarem-se na guerra contra a Rússia. (SHERMER, HEIFERMAN, MAYER, 1975, p. 27)

Mapa 1 – O Plano Schlieffen



Fonte: Shermer, Heiferman, Mayer, 1975

Na fase inicial da guerra, durante a invasão da Bélgica e França, houve grandes movimentos de exércitos de ambos os lados. Mas a Rússia terminou sua mobilização antes do esperado e atacou a Prússia Oriental. E a desesperada resistência francesa e inglesa durante a primeira batalha do Marne impediram os alemães de concluírem seu plano, apesar de terem se aproximado perigosamente de Paris.

Os alemães viram-se então forçados a dividir suas forças em duas frentes, mandando grande parte para recuperar os territórios perdidos no leste. E no oeste, para assegurar o terreno conquistado, que envolvia o leste de França e quase toda Bélgica, construíram posições defensivas. Franceses e ingleses, impossibilitados de atacar após o extremo esforço durante a batalha do Marne, fizeram o mesmo.

As tentativas de flanqueamento dessas posições levaram a ampliação das mesmas, fazendo com que elas se unissem e formando uma única linha defensiva, que se estendia do

mar do norte até os Alpes italianos. Por causa disso o flanqueamento de uma posição se tornou impossível, e os comandantes não tinham outra opção a não ser custosos ataques frontais contra as trincheiras inimigas.

A metralhadora se tornou a principal arma nessa forma de guerra. Colocadas em casamatas reforçadas, uma pequena equipe podia varrer grandes porções do campo de batalha com alta cadência de fogo, causando grandes baixas à infantaria atacante. Por causa disso, os infantis nutriam um ódio especial em relação às metralhadoras, geralmente matando sem piedade quem as operavam (Figura 3).

Figura 3 – Diorama em escala real de uma equipe inglesa de metralhadora Vickers com máscaras de gás em uma trincheira.



Fonte: National Army Museum, Londres. Acervo pessoal

A Frente Ocidental entrou em um impasse, com nenhum dos lados conseguindo um rompimento decisivo das defesas inimigas. As tentativas para resolver essa situação se resumiam a longos bombardeios preparatórios de artilharia para tentar destruir as casamatas e no emprego da superioridade numérica de armas e soldados. Mas os resultados eram desanimadores, pois o sacrifício de homens não compensava a pouca conquista de terreno que realizavam. Quando conseguiam.

Ambos os lados estavam desesperados em conseguir resultados, e buscaram por novas armas e táticas que lhes dessem alguma vantagem tática ofensiva. Quando era introduzida alguma inovação tecnológica que apresentasse alguma utilidade ela era logo copiada pelo outro lado. Isso serviu somente para aumentar a escala de violência, enquanto o impasse se mantinha.

A defesa havia se tornado mais realizável que o ataque, e a necessidade em realizá-lo, associado a um desconhecimento do potencial mortífero dos novos armamentos, tornou os campos de batalha da frente ocidental em verdadeiros matadouros. Era urgentemente necessário para os comandantes resolver o impasse da guerra de trincheiras, pois segundo o pensamento de Carl von Clausewitz, em sua obra ‘Da Guerra’, isso ia contra a natureza da guerra.

Segundo Clausewitz, a guerra é um instrumento político para impor nossa vontade sobre o outro. Essa imposição se realiza através do ataque, ou, segundo o prussiano, “objetivo positivo”; a defesa, por sua vez, visa unicamente à desistência do inimigo em nos impor sua vontade, “objetivo negativo” (CLAUSEWITZ 2003, p. 467); e não seu convencimento em não nos atacar nunca mais. Ou, como resumiu Sun Tzu, “A invencibilidade, está na defesa. A possibilidade da vitória, no ataque”. (CLAUSEWITZ 2000, p. 43).

Quando ambos os lados assumem uma postura defensiva, não há combate, sendo assim a própria negação da guerra. A guerra tem como objetivo principal a anulação da capacidade do inimigo resistir à vontade que lhe é imposta. Vontade que está incorporada em suas forças armadas. Dessa forma, via de regra, todos os ataques, tem como objetivo a supressão ou destruição da capacidade combativa do inimigo.

3 A SOLUÇÃO: O TANQUE

Para a guerra retomar seu caráter ofensivo os comandantes da Primeira Guerra tinham que resolver um problema fundamental: como diminuir as baixas da infantaria. A solução proposta pelo Almirantado Britânico era de um veículo que transpusesse o terreno, protegendo a infantaria do fogo das metralhadoras e que lhes desse apoio de fogo contra pontos defensivos mais resistentes.

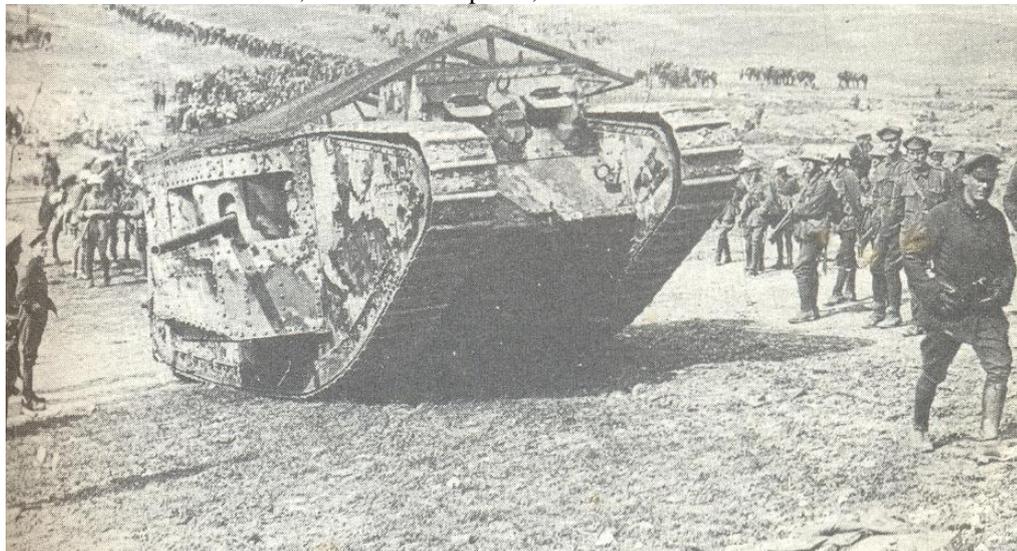
Os carros blindados, que muitas vezes consistiam em caminhões com chapas de aço e uma ou duas metralhadoras, já circulavam pelas estradas desde o início da guerra, principalmente no lado Aliado. Mas, era impossível empregá-los nos esburacados campos de batalha da frente ocidental. Por isso o novo veículo foi baseado no sistema de lagartas que já era empregado em tratores. Dessas ideias surgiu o tanque.

A aparição do tanque causou reações diversas, que em geral iam da dúvida ao sarcasmo. Mas também houve os que perceberam o potencial da nova arma, como o major inglês J. F. C. Fuller, que escreveu sobre seu primeiro encontro com o tanque “Ali estava o X

da equação da vitória. Bastava apenas fazer que as pessoas vissem o problema...” (ORGILL, 1979, p. 19).

A primeira ação de tanques da história ocorreu no dia 15 de setembro de 1916, durante a ofensiva do Somme, envolvendo cerca de 50 tanques pesados *Mark I* (Figura 4). Os tanques causaram surpresa e, mesmo terror por onde apareceram, mas só conseguiram realizar uma penetração de 1.600 m em torno das aldeias de Flers-Courcelette, com muitos enguiçando, atolando ou sendo destruídos pela artilharia alemã.

Figura 4 - Um *Mark I* chegando para participar da primeira ação envolvendo tanques da história, no vale do Chipanzé, dia 15 de setembro 1916.



Fonte: Orgill, 1979

O desempenho do tanque não foi convincente, e os elementos mais conservadores do exército o relegaram ao papel de acessório em suas táticas tradicionais. Por isso ao longo de 1917 os tanques foram usados apenas em pequenos números, com êxitos variados, em geral com um ou dois tanques enviados para neutralizar um ponto específico de um incomoda trincheira.

A desconfiança em relação ao emprego dos tanques chegou ao ápice naquele ano, com os péssimos resultados obtidos nos pântanos ao redor de Agincourt, na primavera, e no terrível lodaçal de Passchendaele, no outono, com os *Mark I* chapinhando lentamente pela lama e ficando atolados até o nível de suas armas laterais. Imobilizados, foram sistematicamente abatidos pela artilharia alemã.

Os resultados negativos obrigaram os projetistas a realizarem melhorias no projeto, dando origem ao *Mark IV*. Outra mudança importante foi a formação do Corpo de Tanques, em junho de 1917, sob o comando do Brigadeiro-General Hugh Elles. O planejamento do

treinamento e operação do Corpo ficou a cargo do Major Fuller, primeiro Oficial de Estado Maior de Eles, e coube a ele a tarefa de provar aos cétricos o potencial da nova arma. (ORGILL, 1979, p. 23)

Uma das principais causas observadas do fracasso dos tanques no teatro de operações era o terreno. As tripulações eram treinadas nas planícies inglesas e colocadas para combater em um terreno lamacento e esburacado pela artilharia, fazendo com que os tanques perdessem sua mobilidade. Com frequência atolavam ou caíam em crateras de artilharia. Por isso era necessário empregá-los em grande quantidade e em terreno plano e pouco danificado para que os tanques atingissem o grau de eficiência esperado.

Essa nova abordagem foi testada na batalha de Cambrai, iniciada em 20 de novembro de 1917, quando 476 (quatrocentos e setenta e seis) tanques Mark IV foram lançados contra um trecho da Linha Hindenburg. Era uma área bem defendida, por isso quase não foi atacada durante a guerra, o que preservou o terreno. E foi por esse motivo que o Corpo de Tanques escolheu aquele ponto para o ataque.

Não houve a tradicional barragem preliminar de artilharia, o que garantiu o elemento surpresa, com alguns soldados alemães entrincheirados só percebendo o que estava acontecendo quando os tanques apareceram sobre suas cabeças, e debandando em completa desordem. O ataque foi um sucesso, tendo sido conquistado 10 km de território, 100 (cem) canhões e 4.000 (quatro mil) alemães capturados. (ORGILL, 1979, p. 26)

O problema foi que a operação que Fuller planejou como uma incursão de tanques contra a Linha Hindenburg evoluiu, por iniciativa do Alto Comando, para a tomada de um saliente que se revelou extremamente difícil de defender, acabando por colocar tudo a perder. O contra-ataque alemão não só retomou o território perdido, como melhorou sua posição com a conquista de parte da linha britânica.

As lições sobre o uso dos tanques durante a batalha de Cambrai foram assimiladas de diferentes formas por ambos os lados, e acabou por assumir uma grande importância para o andamento da guerra. O sucesso do rompimento das defesas alemãs pelos tanques deixou claro para a maioria dos cétricos entre os Aliados de que o tanque era um fator decisivo se usados corretamente, e que a partir daquele momento ela passaria a ter um papel cada vez maior nas operações. (ORGILL, 1979, p. 26)

Por outro lado, os alemães, acreditando na boa utilização da teoria de Clausewitz, que coloca os aspectos morais acima dos aspectos materiais, chegaram a uma conclusão completamente oposta. O sucesso da artilharia e de soldados armados com granadas levou os

alemães a crer que os tanques pouco conseguiriam se confrontados resolutamente. Como consequência, pouco investiram na formação de um corpo blindado próprio.

Com a chegada da primavera de 1918, os alemães, reforçados com as tropas oriundas da frente oriental, lançaram uma grande ofensiva que teve início com a Operação Michael, um violento ataque contra as linhas francesas na região do Somme. Apesar da violência do ataque, problemas de abastecimento fizeram com que o ímpeto da ofensiva fosse diminuindo até parar a 64 km (sessenta e quatro quilômetros) de Paris.

Como a frente britânica ao sul do Somme estava relativamente calma, o comando britânico resolveu dar início a uma pequena ofensiva que tinha como objetivos elevar o moral aliado, mostrando que os alemães não tinham a iniciativa total, descobrir como o moral alemão iria reagir com o desapontamento em conseguir um avanço decisivo na ofensiva da primavera, e identificar os melhores pontos de partida para a ofensiva britânica que iria ser realizada mais tarde naquele ano.

O 4º Exército, composto por britânicos e australianos foi encarregado da ofensiva, cabendo ao Tenente-general John Monash (Figura 5), comandante do Corpo Australiano, a preparação da operação. Ele acreditava no uso de qualquer recurso mecânico, na forma de canhões, metralhadoras, aviões e tanques, para minimizar as baixas da infantaria.

Figura 5 – Tenente General John Monash, Comandante do Corpo Australiano



Fonte: Orgill, 1979

Para testar suas ideias, Monash escolheu uma crista que corria para o norte, entre Viller-Bretonneux até o rio Somme, dominada pelas ruínas da aldeia de Hamel. Capturada pelos alemães em 4 de abril, essa posição dava aos observadores de artilharia alemães

localizados na vila uma ampla visão das posições australianas ao norte do Somme, e por isso deveria ser neutralizada.

Desde o início Monash planejou o ataque como uma operação de tanques, deixando bem claro ao comando que todo o sucesso dependeria deles. Aos tanques coube a tarefa de conquistar o terreno, enquanto a infantaria deveria se deslocar em pequenos grupos atrás dos tanques para auxiliar na destruição de pontos fortes, limpeza e consolidar a posse do terreno conquistado.

Na operação foram empregados 60 (sessenta) novos tanques Mark V da 5ª Brigada de Tanques britânica, e 8.500 (oito mil e quinhentos) infantaria. Um número muito reduzido de soldados para os padrões de ataques que vinham sendo realizados até então. Porém contava com um pesado apoio de artilharia, composto por 320 (trezentos e vinte) canhões da campanha e 313 (trezentos e treze) canhões pesados (ORGILL, 1979, p. 40).

O apoio aéreo foi fornecido pelo 8º Esquadrão da Real Força Aérea (RAF), que tinha como função lançar munição de paraquedas para os soldados que combatiam em solo. As posições de lançamento foram marcadas com um "V" de pano branco colocados pela infantaria. Também usou quatro tanques como veículos de abastecimento, suprindo as tropas envolvidas na consolidação das posições conquistadas com munição, água, arame farpado e chapas de metal corrugado para reforçar as posições conquistadas. (ORGILL, 1979, p. 41)

O ataque teve início às 3:10 da manhã de 4 de julho, com uma curta barragem de artilharia. No início houve certa confusão e dificuldades de entrosamento entre tanques e infantaria por causa da pouca luminosidade, mas à medida que o dia clareava esses problemas foram desaparecendo. E todo o esforço de Monash em treinar e entrosar a infantaria e as equipes dos tanques se justificou.

Todo estudo e preparação deram resultado, com a batalha terminando pouco mais de uma hora e meia depois com um número considerável de alemães mortos e 1.400 (mil e quatrocentos) capturados, juntamente com 2 (dois) canhões, 41 (quarenta e um) morteiros e 171 (cento e setenta e um) metralhadoras. A um custo de 5 (cinco) tanques, 57 (cinquenta e sete) oficiais e 852 (oitocentos e cinquenta e dois) soldados aliados mortos ou feridos, sendo a maioria ferimentos leves.

Para os padrões da Frente Ocidental era um custo muito pequeno em comparação ao terreno conquistado (ORGILL, 1979, p. 53). Sobre esse sucesso, Fuller escreveu:

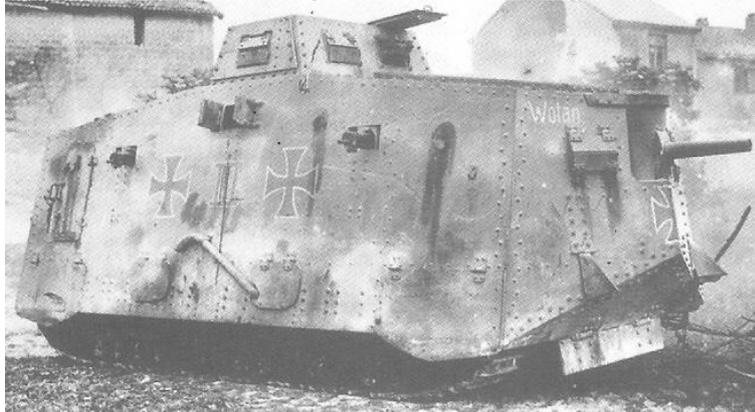
Em rapidez, brevidade e sucesso, nenhuma batalha da guerra pode comparar-se com a de Hamel. As lições que aprendemos são de suma importância... Não é no que ela realizou _ a captura de alguns quilômetros quadrados de terreno e 1.506 prisioneiros _ que reside o grande valor dessa batalha, mas na ideia subjacente nela. Agora, não há como deixar de ver que tudo se resume numa questão de bom senso _ uma placa

de aço detendo uma bala. Esse foi o momento decisivo da nossa tática e a partir de 4 de julho já não havia dúvida quanto ao vencedor da guerra terrestre. _ a pedra filosofal era nossa(...) (in ORGILL, 1979, p. 53)

Para o comandante alemão Erich Ludendorff ficava cada vez mais evidente que o tempo não favorecia os alemães, pois a cada dia mais soldados americanos chegavam à França e a situação da falta de recursos se tornava cada dia mais crítica. Por isso resolveu apostar tudo em um novo ataque a leste e oeste de Reims, chamado por ele de *Friedensturm*, ‘OFENSIVA DA PAZ’. Apesar da meticulosidade de seu planejamento, pouco fizeram para manter o planejamento em segredo e logo todo o front ocidental sabia sobre sua preparação.

O ataque foi planejado e executado nos mesmos moldes que os alemães vinham empregando até então, sendo o único aspecto que distinguiu a *Friedensturm* dos demais ataques foi o emprego de 14 (quatorze) tanques A7V (Figura 6), o único modelo desenvolvido pelos alemães durante a guerra, e 6 (seis) *Mark I* britânicos capturados. Porém todos os tanques foram destruídos pela artilharia francesa em poucas horas. (ORGILL, 1979, p. 59)

Figura 6 – O A7V



Fonte: Willmott, 2008

Ao saber dos planos para a ofensiva, o Alto Comando francês deu início à preparação de sua defesa. Sob o comando de Petáin, os franceses adotaram uma estratégia de defesa elástica, cedendo terreno para amortecer o impacto do ataque e atraindo os alemães para longe de sua cobertura de artilharia e suas fontes de suprimentos. O efeito da adoção dessa estratégia pode ser percebido no relato de um jovem oficial alemão:

(...) para ali os franceses nos atraíram deliberadamente. Eles não ofereceram resistência na frente. Eles não tinham nem infantaria nem artilharia nessa zona de batalha avançada. Nossos canhões bombardearam trincheiras vazias; nossas granadas de gás asfixiavam posições de artilharia vazias; apenas em algumas dobras do terreno havia postos de metralhadoras, escondidos como piolhos nas dobras de um traje, para dar às forças atacantes calorosa recepção. Após uma luta ininterrupta desde as 5h até a noite, continuamente reprimidos pelo cuidadosamente dirigido

fogo de artilharia, conseguimos avançar apenas três quilômetros... Não vimos um único francês morto, assim como não foi capturado um só canhão ou metralhadora, e sofremos pesadas baixas (...) (in ORGILL, 1979, p. 65)

No fim do primeiro dia, devido ao grande número de baixas sofridas pelos alemães sem terem conquistado nada, Ludendorff suspendeu o ataque a leste de Reims. A oeste a situação parecia mais favorável, com os alemães conseguindo cruzar o rio Marne e estabelecer uma firme cabeça de ponte na outra margem, e lá pararam para reorganizar suas forças.

A pausa no avanço deu a tempo para os franceses organizarem suas defesas impedindo maiores avanços. Petáin então ordenou um contra ataque contra os flancos dos alemães a leste e oeste de Reims, solicitou reforços aos ingleses e lançou o 10º exército do general Mangin para fechar o gargalo do bolsão.

Mangin fez uso de 225 (duzentos e vinte e cinco) tanques leves Renault FT (Figura 7), causando grande consternação aos alemães. Segundo Ludendorff, "... o movimento rápido dos numerosos e velozes tanques por entre os milhares aumentou o efeito da surpresa" (ORGILL, 1979, p. 72). Porém como eram leves, foram perdidos muitos tanques durante o ataque. O ataque de Mangin animou aos aliados e desanimou os alemães, mas não impediu que eles voltassem a atravessar o rio Marne.

Figura 7 – O tanque leve francês Renault FT



Fonte: Shermer, Heiferman, Mayer, 1975

Os Aliados então organizaram um contra ataque no setor de Amiens, para o qual foi escolhido o 4º Exército britânico. Assim como em Hamel, o terreno era favorável para o uso de tanques e as defesas naquele setor eram consideradas fracas. Além disso, a gripe espanhola estava começando a afetar ambos os lados, mas principalmente os alemães, cuja moral começava a fraquejar ao constatarem o crescente número de soldados americanos que vinham enfrentando.

Monash organizou a operação semelhante à realizada em Hamel, mas em escala maior. Novamente a infantaria era a menor força praticável, enquanto os tanques consistiam na força principal, com 400 (quatrocentos) tanques Mark V para fazerem o rompimento e 96 (noventa e seis) tanques médios *Mark A Whippet* (Figura 8) para atuarem como cavalaria e explorarem em profundidade as brechas na defesa alemã. Monash também contava com mais de 2.000 (dois mil) canhões da campanha e pesados, e 17 (dezessete) esquadrões da RAF para o apoio aéreo, sendo que 3 (três) destes eram de bombardeiros. (ORGILL, 1979, p. 82)

Figura 8 – O tanque médio britânico *Mark A Whippet*



Fonte: Orgill, 1979

No dia 8 de agosto teve início o ataque. Novamente uma breve barragem de artilharia garantiu a surpresa do ataque e os soldados da linha de frente debandaram apavorados. Logo os *Mark's* conseguiram romper as defesas e iniciaram a limpeza, apoiados pela infantaria. Os tanques *Whippet* conseguiram infiltrar-se na retaguarda das linhas alemãs e instauraram o caos, destruindo suprimentos, transportes, interrompendo as comunicações, e provocando a retirada desordenada de um corpo completo do exército alemão (MESSENGER, 1978, p. 150).

O resultado do primeiro dia de ataque foi estrondoso. A frente alemã cedeu numa extensão de 24 km e cerca 700 (setecentos) oficiais e 27.000 (vinte e sete mil) soldados alemães foram mortos, capturados ou seriamente feridos (MESSENGER, 1978, p. 120). O moral do exército alemão caiu por terra e unidades inteiras se renderam ou debandaram.

Ludendorff declarou que o dia 8 de agosto de 1918 “foi o dia mais negro do exército alemão na história da guerra” (in SHERMER, HEIFERMAN, MAYER, 1975, p. 211). No dia 11 o ataque foi encerrado, com um total de baixas de mais de 46.000 (quarenta e seis mil) aliados e 75.000 (setenta e cinco mil) alemães (MESSENGER, 1978, p. 121). Pela primeira

vez na guerra os Aliados conseguiram realizar um grande e decisivo avanço, impondo aos defensores alemães baixas maiores que as suas.

O ataque do dia 8 de agosto marcou o colapso do moral alemão, e convenceu Ludendorff de que não havia mais esperança de vitória. Obviamente, haviam outros fatores que vinham pressionando o moral alemão, como o bloqueio econômico que estava deixando o povo a beira da fome, e o crescente número de soldados norte americanos que chegavam a cada semana. Mas com certeza o sucesso alcançado pelos aliados nesse dia foi fundamental antecipar a conclusão da guerra (SHERMER, HEIFERMAN, MAYER, 1975, p. 214).

Percebendo a desmoralização dos alemães, no dia 22 o Alto Comando aliado emitiu ordens para todos os setores avançar (Figura 8): “Não é mais necessário avançar passa a passo em linhas regulares como nas batalhas de 1916-17. Todas as unidades têm de ir direto aos seus objetivos, enquanto que as reservas devem ser lançadas onde estivermos ganhando terreno” (MESSENGER, 1978, p. 152).

Figura 8 – Tanque *Mark V* canadense avança passando por prisioneiros alemães transportando um colega ferido.



Fonte: Orgill 1979

Ainda no início de 1918, ambos os lados faziam planos para a continuação da guerra em 1919. Mesmo com o contingente aliado sendo reforçado pelos Estados Unidos, os alemães acreditavam que através do atrito e de suas bem testadas capacidades defensivas e de contra ataque poderiam equilibrar a situação, como foi entre 1914 e 1917, afim de buscar por condições favoráveis em uma negociação com os Aliados.

Porém o crescente sucesso na utilização dos tanques desde Cambrai e ao longo de 1918 deixou claro a vantagem tática dos Aliados no campo de batalha, tornando possível a

realização de ataques bem sucedidos, proporcionando conquista de grandes áreas de terreno a um custo reduzido, para os padrões vigentes até então. E essa capacidade os alemães não tinham.

Enquanto os aliados desenvolviam e testavam seus tanques e táticas, os alemães, devido aos resultados iniciais favoráveis que obtiveram contra os aliados e suas máquinas, subestimaram sua utilidade como um fator decisivo. Quando iniciaram seus trabalhos no sentido de utilizar tanques, a desvantagem era demasiada, pois os aliados já tinham mais experiência e eram capazes de produzir e empregar tipos diferentes e tanques em grandes quantidades. E o 8 de agosto evidenciou aos alemães essa desvantagem e a impossibilidade de obter a vitória.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após anos de impasse, a introdução do tanque em larga escala no front ocidental forneceu a vantagem tática necessária para os Aliados realizarem grandes rompimentos nas defesas alemãs de uma forma que não havia sido vista desde o início da guerra. Como os alemães não tinham essa capacidade, a balança da vitória se desequilibrou em favor dos aliados.

Dizer que vitória aliada foi o resultado do emprego do tanque é um exagero, pois haviam diversas questões que pressionavam estrategicamente a Alemanha. Os anos de guerra que sugou recursos materiais e humanos, agravado pelo bloqueio econômico imposto pelos Aliados; e a entrada efetiva dos Estados Unidos na guerra, a partir de 1917, foram fundamentais para a derrota alemã.

A importância da introdução do tanque e o desenvolvimento de uma doutrina para seu emprego naquele conflito residem no fato de ter sido fundamental para convencer o comando alemão da futilidade de prosseguir com a guerra, aja visto os fatores citados acima e o crescente sucesso em seu emprego, desde a batalha de Cambrai até o “8 de agosto”.

Além disso, o tanque reestabeleceu o caráter dinâmico e ofensivo natural da guerra, tornando a possibilidade de se realizar ataques eficientes a um custo humano bem menor uma realidade. Assim, o tanque abriu um novo caminho para a guerra, mas isso só ficou evidente vinte anos mais tarde, ironicamente pelas mãos dos alemães, quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial.

REFERÊNCIAS

- CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FACCIOLI, Alexandre (dir.). **As Grandes Batalhas da História**. São Paulo: Larousse, 2009. V3.
- FARMAN, Christopher (Edit). **A Arte da Guerra**. São Paulo: Abril Livros, 1993.
- FLEMING, Fergus (Edit). **O Mundo em Armas**. São Paulo: Abril Livros, 1993.
- JOMINI, Henri. **A Arte da Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1947.
- GUDERIAN, Heinz. **Panzer Líder**. Rio de Janeiro Biblioteca do Exército, 1966.
- HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos. O breve século XX: 1914-1991**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MAGNOLI, Demetrio (org.). **A História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2006.
- McNEILLY, Marc. **Sun Tzu e a Arte da Guerra Moderna**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MESSENGER, Charles. **A Guerra de Trincheiras**. Rio de Janeiro : Renes, 1978.
- ORGILL, Douglas. **Tanques-1918**. Rio de Janeiro: Renes, 1979.
- RABORG, Paul C.. **A Força Mecanizada**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1943. 208p.
- SHERMER, David; HEIFERMAN, Ronald; MAYER, S.L.. **As Guerras do Século XX**. Rio de Janeiro : Primor, 1975. 511p.
- TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. 1.ed. Porto Alegre : L&PM, 2000.
- WILMOTT, H. P.. **A Primeira Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.